N.º
69

INVERNO
Foto: BENES

SUMÁRIO

BOLETIM MENSAL — ASSINATURA AO ANO, 12$00 — PREÇO AVULSO 1$00

Obra das Mães pela Educação Nacional
«MOCIDADE PORTUGUESA FEMININA»

Direcção, Administração e Propriedade do Comissariado Nacional da Mocidade Portuguesa Feminina. — Redacção e Administração: Comissariado Nacional da M. P. F., Praça Marquês de Pombal, n.º 8 — Telefone 4 6134 — Directora e Editora: Maria Joana Mendes Leal. — Arranjo gráfico, gravura e impressão da Neogravura, Limitada, T. da Oliveira, à Estrêla, 4 a 10 — Lisboa

VIDAS SÉRIAS

VIDAS sérias, isto é, viver com o pensamento de que só se vive na verdade quando se quere realizar qualquer coisa de grande: uma idéia grande.

Salazar escreveu um dia a seu respeito:

«— *Vivia absôrto na minha idéia e na minha obra. Quem não tem um grande pensamento ou um grande afecto a encher-lhe a vida, não sabe decerto, o que isso é.* — **Eu era, afinal, um rapaz com uma idéia séria.**»

E isto é tudo.

«Encher a vida»... Quantas de vós pensais nisso: encher a vossa vida de raparigas?

Logo: *encher a inteligência, encher o coração,* com o que quere que seja, contanto qua vos sintais felizes por saberdes o que quereis, como o haveis de realizar, e, depois, viver em plenitude, galhardamente, o vosso ideal.

Viver galhardamente a vida...

Já aquêle poeta cantara:

— **«A vida é a realização de um sonho da mocidade.»**

E deve sê-lo.

Levar a vida, tôda a vida, na alegria desta convicção: que estamos construindo a catedral que idealizamos naqueles anos de pureza e sinceridade que foi a nossa juventude.

Isto é amparo para se levar bem direita, a travessia tão perigosa dessa época da vida — a mocidade; e dá graças e bênçãos para mais tarde, quando a vida dura chega com seus trabalhos e suas cruzes.

Sonhai, raparigas, agora, enquanto o coração vos cantar no peito, a vossa vida de amanhã. Acarinhai-a em oração, em ideal, em lutas, como quem traz entre mãos a melhor obra que há-de realizar.

Mas, vêde bem, o principal está em «*encher a vida*»...

— «*ter uma idéia séria*».

Programa para uma vida séria?

Enchê-la com um **«grande sonho»** que depois se «*realizará*» a todo o custo.

G. A.

"EMBAIXADAS DA ALEGRIA E DA BONDADE"

REALIZARAM-SE durante a época do Natal numerosas «Embaixadas da Alegria e da Bondade» promovidas pelas filiadas da M. P. F. com a colaboração de algumas Dirigentes.

Idéia simpática, carinhosa, à qual um dos jornais diários de Lisboa se referiu com estas palavras de aprêço e de louvor: «Idéia linda a da admirável Cruzada da «Embaixada da Bondade e da Alegria» em que a M. P. F. anda empenhada. A bela, a impressionante iniciativa! Não há palavras que a louvem, nem expressões que vinquem com precisão todo o seu sentido de beleza e de caridade cristã.

Aos asilos e recolhimentos — um pouco de alegria, consolação e sorrisos, guloseimas e brinquedos, a velhos e crianças, a flores já murchas e a despontar para a vida...

Admirável, impressionante cruzada de alma a alma, de coração a coração.»

E o autor da notícia continuava, incitando a que se multipliquem as «Embaixadas da Alegria e da Bondade» para que a tôda a parte chegue «a luz clarificadora e redentora da Estrêla de Belém».

Quem acompanhou as «Embaixadas» sentiu bem como na verdade foram impressionantes essas visitas que levaram felicidade aos desafortunados da sorte, pouco habituados a festas e mimos...

A 1.ª Embaixada, em Lisboa, na qual tomaram parte filiadas do Centro n.º 1 (Liceu de Maria Amália Vaz de Carvalho) e do Centro n.º 2 (Liceu de D. Filipa de Lencastre) foi dedicada às vèlhinhas do «Amparo», Recolhimento da Santa Casa da Misericórdia.

Uma pequena palestra evocativa do Natal, versos, cânticos, danças graciosas, representações infantis, um quadro vivo — e encantador: o Presépio.

Uma hora de arte e de ternura. Depois, distribuïção de guloseimas, com palavras mais dôces ainda e gestos de carinho às vèlhinhas, que riam, umas, e choravam, outras, de comoção...

Dali, seguiu-se para as Mónicas. Casa triste, sôbre a qual paira a sombra de negros destinos...

Também ali houve uma hora de alegre divertimento, cuja delicadeza e bondade deve ter amaciado durezas e tocado de graça as almas.

Ocuparam-se desta «Embaixada» as filiadas do Centro n.º 7, (Escola Industrial de Patrício Prazeres), que recitaram poesias, fizeram ouvir vários números de canto coral e apresentaram 3 quadros vivos com cenas do nascimento de Jesus. Para terminar, distribuïção de guloseimas.

Num outro dia, a «Embaixada» dirigiu-se ao asilo dos surdos-mudos e foi organizada pelas filiadas do Centro n.º 1 com sede no Liceu Maria Amália Vaz de Carvalho, e Centro n.º 12 com sede no Colégio Parisiense, e do Centro n.º 75 com sede na École Française de Lisbonne.

Aqui, tudo foi regalo para os olhos: danças, um filme... Sem faltarem também bolos e brinquedos.

Doutra vez, foram os ceguinhos do Asilo de Nossa Senhora da Saúde que receberam a visita das filiadas dos centros 18 e 69 (Escolas Industriais de Rodrigues Sampaio e de Veiga Beirão).

Para êstes, tudo foi prazer para os ouvidos, consôlo para o espírito: uma palestra, rimas de poemas, melodias musicais, cantares...

E, como fim de festa, tabaco, doces e frutas para os ceguinhos; meias, doces e frutas, para as ceguinhas.

Doutra vez, foram os doentinhos do Sanatório da Parede os festejados pelo Centro n.º 16 (Colégio da Bafureira). Coros, recitações, danças, representação da «Lenda da 1.ª rosa» e o quadro animado do Presépio. Distribuïção de doces e brinquedos.

Parecia que já ali não morava a dor!

Os rostos pálidos animam-se de alegria... Os corpos estendidos, esquecem-se da sua imobilidade... E fica com as pobres crianças o sonho duma grande alegria, talvez a perdurar durante dias, talvez a fazer sorrir durante semanas...

Outro dia foi a vez dos internados no Instituto de António Aurélio da Costa Ferreira. Programa confiado às filiadas do Centro n.º 2 (Liceu de D. Filipa de Lencastre) e do Centro n.º 16 (Colégio do Sagrado Coração de Maria).

Tarde cheia: como de costume, coros, danças, quadros vivos, distribuïção de brinquedos e guloseimas; a mais, um recreio animado em que as filiadas brincaram com os internados, pobres crianças atrazadas ou defeituosas, que na alegria dessa tarde foram como tôdas as crianças felizes!

Um outro domingo foram as «Florinhas da Rua» que receberam a «Embaixada da Bondade e da Alegria» dos Centros n.º 6 e n.º 16, e assistiram encantadas aos bailados, à representação do «Sonho de Nossa Senhora» e das «Bonecas» e contemplaram maravilhadas o Menino no Presépio, e os Pastores, e os Anjos...

Foram-lhes oferecidas bonecas, vestidas pelas próprias filiadas, outros brinquedos, chocolates e bolos — tanta coisa que mal cabia nas suas mãosinhas e até nos seus braços!

E outras «Embaixadas» e outras se realizaram, não só em Lisboa mas pelo país fora. A falta de espaço não nos permite alongarmo-nos mais hoje. No próximo número continuaremos a relatar algumas dessas «Embaixadas.»

Mas se tudo isto foi o que a «Mocidade» levou e deu, que diremos do que recebeu?

Em tôda a parte lhe foi dispensado o mais gentil e afectuoso acolhimento pelas Direcções das Obras. Aqui ficam os agradecimentos do Comissariado Nacional.

Em tôda a parte as acolheu também o sorriso agradecido e feliz dos festejados.

Afinal, foram elas quem mais receberam: pois trouxeram no coração uma imensa alegria, suavíssima recompensa da alegria que levaram e do bem que fizeram.

O Comissariado Nacional deseja também agradecer a todas as senhoras que deram a sua colaboração às «Embaixadas» com a sua arte e o seu talento: D. Branca Torres, D. Elvira Lopes da Costa Barroso, D. Ilda Carneiro, D. Maria Emilia Cordeiro, D. Maria Joana Mendes Leal, D. Maria José Ferrão, D. Maria Romana Valente, D. Maria Teresa Caldeira, D. Olga Violante, D. Olimpia Bastos, D. Sara Navarro, D. Sara de Sousa, D. Zita Valadares, etc.

E louva e agradece às Directoras de Centro que acolheram a iniciativa das «Embaixadas» com uma boa vontade e inteligência que merecem ser postas em relêvo e as realizaram sem olhar a dificuldades, mas atendendo apenas à acção educativa que essas «Embaixadas» representavam para as filiadas e ao alcance que elas teriam para o prestígio da M. P. F..

Dignaram-se assistir a todas as «Embaixadas» realizadas em Lisboa a Ex.ma Comissária Nacional, D. Maria Guardiola e a Ex.ma Delegada Provincial, D. Alice Guardiola.

Hino a Africa

por

BERTA LEITE

Louvada sejas pelo mundo de visões
que deste aos portugueses doutras eras,
Louvada pela glória dos Padrões
que a selva acolhe e vence as feras.

Louvada sejas Africa louvada
e exaltada
pelos teus filhos, maus e bons.
Louvada pelos horrores, e pelos fulgores
da chama que em ti arde e pelos tons
da Paisagem serena, magestosa,
feérica, montanhosa,
repousada e inquietante.

Louvada, outrora pelo Infante!
Lindas miragens de estrêlas
por sôbre as águas do mar
Abriam às caravelas
passagem... para o altar
onde, após as guiar
quis Cristo, Nosso Senhor,
a todo o mundo amostrar
Portugal descobridor.

Louvados sejam temerosos mares
que por ti sulcámos
a rezar!
Louvadas as asas que nos ares
Hoje a sorrir largamos
pr'a te alcançar.

Louvada pelos bosques tão floridos
e pelos negros homens já rendidos
à Divina Luz
da Cruz
de Jesus

Louvada ainda pelo imenso amor
dos filhos adoptivos que criaste,
no mágico silêncio embalador
de oásis redentor
da civilização extenuante!...

Louvadas sejas tu ó Pátria errante,
Tesouro encantado
para o Senhor revelar
a quem o procurar
condignamente,
em labor abençoado.

Louvada, ó Terra abundante
pela Esperança que não mente
Eterna redenção
de geração em geração...

HISTÓRIAS DA MINHA AVÓ

A MULATA FIDÉLIA

O coração terno de minha avó sofreu o primeiro desgôsto. E como se êsse primeiro desgôsto fôsse para ela o anúncio do que seria tôda a sua vida o seu espinho, o seu primeiro desgôsto foi uma separação, foi uma saúdade.

Conchita, a criadinha geitosa e alegre que tão bem sabia brincar e que a acompanhava nos passeios no campo e na cidade, casou. Um bom partido apresentou-se. Um caixeiro duma das boas lojas de Dolores, loja que ficava perto da casa de suas senhoras, propoz-lhe casamento, que foi aceite depois de consultadas as suas patroas, que apesar da falta que a boa rapariga lhes fazia, não puderam dizer-lhe senão que aproveitasse o que o destino lhe oferecia, fazendo-a subir de condição, o que tantas vezes se dava nessa época, nesses países novos.

Mas para a pequenita que desgôsto foi ter separar-se da sua companheira de todos os dias. Era preciso substituí-la e sua mãe começou a procurar cuidadosamente quem viesse ser para a menina desgostosa uma criada e companheira como tinha sido Conchita.

Exigente, como não podia deixar de sê-lo, foi difícil de encontrar o que queria para a criada de sua filha. A pequenita que chorava por Conchita não gostava de nenhuma das raparigas que lhe mostravam, até que um dia uma amiga da casa levou-lhes uma mulatita simpática e graciosa, de falas muito doces, muito insinuante. As senhoras gostaram dos seus modos gentis; a pequena, saúdosa de Conchita, não a recebeu com o mesmo agrado, mas aceitou-a.

O seu nome era Fidélia. Filha duma antiga escrava e dum branco, era bonita, graciosa e tinha no olhar uma doçura que às vezes se mudava num duro olhar odiento, que ela sabia disfarçar.

Muito jeitosa, penteava as senhoras admiràvelmente, fazia o seu serviço muito bem e soube conquistar as boas graças de tôdas e até as da menina, que sem esquecer a sua Conchita, se sentia muito feliz e contente com a Fidélia, que sabia muitas histórias e cantava com muita graça as «milongas».

Quando foram para Buenos Aires, tôdas as senhoras amigas gabaram a criadinha, e às sobrinhas de minha avó, que eram aproximadamente da sua idade, gostavam imenso de sair com ela e irem para os jardins onde ela as entretinha, e Genara, a mais velha, pedia-lhe para fazer os caracóis que tão bem ela sabia ajeitar.

Começaram porém a acontecer em casa coisas estranhas. Sem saber como, apareciam quebrados objectos de valor. As senhoras foram assistir a uma linda procissão, que todos os anos se realizava na grande cidade e que chamava muita gente às ruas, e levaram a menina e Fidélia. Tinham chegado de Paris dois lindos manteletes, um todo em vidrilhos e outro, da senhora de mais idade, em «taffetá». As senhoras estrearam-nos com muita satisfação. Na casa amiga para onde foram ver a procissão gabaram-lhes muito os elegantes manteletes; à saída não puderam entrar na carruagem, senão depois de atravessar uma praça apinhada de gente onde receberam encontrões.

Quando Fidélia as veio ajudar a tirar os manteletes, as suas exclamações de pezar sobressaltaram-nas, e observando-os viram que estavam todos cortados a tesoiradas nas costas e os vidrilhos tinham-se espalhado no chão.

Foi um desgôsto e ninguém se mostrou mais pesarosa do que Fidélia, que dizia:

— Como são invejosas algumas senhoras, isto foi alguém que se enraiveceu de ver as minhas senhoras tão bonitas.

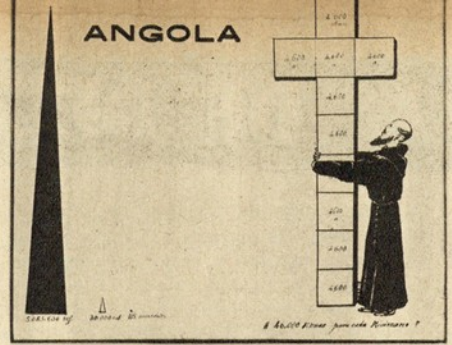
As senhoras tristíssimas pensavam em remediar o mal, mas não podiam compreender como tinha sucedido, e não acreditavam na inveja que a mulatinha lhes anunciava.

Fidélia, no entanto, continuava a tratar a menina com o maior carinho e esta a afeiçoar-se-lhe, sentindo-se já tão amiga de Fidélia como o tinha sido de Conchita, até um pouco mais de Fidélia, que se extasiava diante dela quando estreiava um vestido novo de cambraia e lhe sabia atar tão lindos laços nos cabelos.

As senhoras achavam que a pequenita se estava tornando vaidosa, mas desculpavam tudo pela amizade que Fidélia tinha à sua menina.

"SEMANA DAS MISSÕES" NO IMPÉRIO PORTUGUÊS

A FÉ NO IMPERIO

OPERARII·AUTEM·PAUCI.

VAI realizar-se de 26 de Janeiro a 4 de Fevereiro a *Semana das Missões no Império Português,* sob a protecção do Beato João de Brito.

Como cristãs e como portuguesas, as filiadas da M. P. F. não podem deixar de se interessar por esta iniciativa e de lhe dar a sua cooperação.

Seríamos profundamente ingratas para Deus, nós que pelo baptismo recebemos a graça da Redenção, se não nos importássemos com a sorte de *10 milhões* de infiéis que ainda existem nas colónias portuguesas.

A sua salvação não é apenas da responsabilidade do pequeno punhado de missionários que pelas longínquas paragens do Império se matam com trabalho e sacrifícios para conquistar essas almas para Cristo.

Tôdas nós somos chamadas a cooperar com êsses semeadores da palavra divina, heróis desconhecidos e obscuros para a maior parte dos portugueses, mas que honram Portugal seguindo as pègadas de S. Francisco Xavier e do Beato João de Brito.

E seríamos também indignas dos nossos antepassados, que levaram o nome de Deus através dos mares e das selvas, "dilatando o Império para fazer cristandades", se nos quedássemos egoistamente a gozar o dom de Deus, sem procurar arrancar outras almas às trevas, para as conduzir à luz que nós recebemos!

Ajudar as missões é trabalhar para a extensão do Reino de Deus e é servir os interêsses da Pátria.

Outrora, os descobridores, para afirmar o domínio português sôbre os territórios em que desembarcavam, erguiam logo um padrão com as armas de Portugal e a Cruz.

Passou o tempo das descobertas, mas encontra-se ainda longe de estar concluída a obra da evangelização nas colónias portuguesas. E só onde a Cruz se ergue, Portugal impera de verdade.

Alguns números dar-vos-ão melhor idéia do pouco que está feito, comparado com o muito que resta fazer.

Por exemplo: A população total de Moçambique é de 5.085.630 almas. Destas, só 80.000 são católicas!...

E para essa multidão de almas, espalhadas por uma superfície 8 vezes maior do que Portugal, existem apenas 115 sacerdotes, correspondendo a cada um uma área de milhares de km.² e 43.000 infiéis e uns 700 católicos!

Como é possível, assim, resolver o problema da evangelização dos **cinco milhões** de infiéis que ainda existem nesta colónia?!

Pescadores de almas...

A primeira cruz

Os operários são poucos e a messe é grande!

E é triste ver operários estrangeiros a trabalharem em terras portuguesas e a semearem nela o êrro...

Em 1940 havia **23** missões estrangeiras protestantes, com 96 filiais, em Moçambique. Em Angola existiam, em 1939, **47** missões protestantes.

E isto que significa? O Império a desnacionalizar-se... Portugal católico a perder a glória das suas tradições de Nação fidelíssima!

Em Cabo Verde, Guiné, S. Tomé e Príncipe e na India Portuguesa, por tôda a parte o mesmo quadro confrangedor! Macau, que foi por assim dizer a capital do cristianismo no Extremo-Oriente, conta pouco mais de 10.000 católicos numa população de 474.737 almas.

Que poderás tu fazer, filiada da M. P. F., para ajudar as missões?

1.º — *Orar e sacrificar-te pelos missionários.* O missionário é um instrumento de Deus, cujo trabalho só será fecundo pela abundância da graça. Faz, pelas missões, a novena do Beato João de Brito.

Dar a conhecer as missões à família, colegas e pessoas amigas. Quem não conhece uma coisa, como se há-de interessar?! Poderás ser "missionária" fazendo propaganda das missões, difundindo a imprensa missionária, etc.

Ajudar materialmente as missões. Uma "bôlsa de estudo" perpétua (quere dizer, depois de ordenado um sacerdote outro seminarista indígena aproveitaria da "bôlsa", e assim sucessivamente) consegue-se com um donativo de 10.000$00 escudos, por uma só vez. Para vocês, raparigas, é talvez muito, a não ser que se juntassem tôdas... Mas uma "bôlsa temporária" são apenas 500$00 por ano. É ainda muito? Poderás ser "associada" das missões, com uma cota mínima de um escudo por ano. Tão pouco, quem não pode dar?!

Ou poderás deitar de vez em quando uma pequena moeda num "pretinho" (caixa de esmolas).

E não gostarias de ser *madrinha* dum pretinho? Basta enviar 10$00 para uma Casa missionária, indicando o nome que se deseja dar ao afilhado.

Não faltam meios de auxiliar as missões, se tiveres boa vontade!

Junta selos usados, as "pratinhas" que envolvem os chocolates, estampas, medalhas, terços...

Arranja retalhos de fazendas ou roupinhas já feitas para os pretinhos...

Aproveita os bocadinhos de linho que houver em casa para fazeres roupas de altar para as capelas das missões. Ou talvez consigas arranjar algum lençol antigo que se possa transformar numa toalha....

E pergunta a tua mãe se não terá alguns objectos de oiro ou de prata já estragados ou fora de uso.

Pouco que seja! Essa "gotinha" de metal precioso, junta a outras "gotinhas", transformar-se-à num vaso sagrado: Cális, Cibório, Custódia, etc..

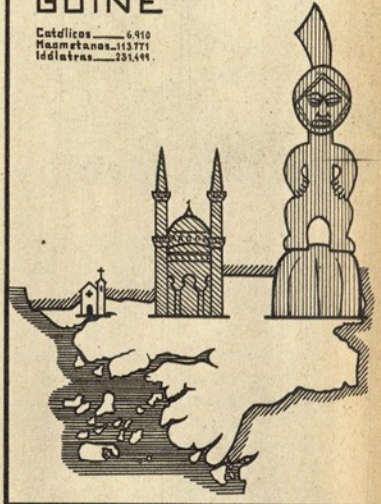
Lembra-te das missões! Ajuda as missões!

Se não preferes beneficiar directamente alguma das Congregações Missionárias — Beneditinos, Espírito Santo, Franciscanos, Jesuítas, Lazaristas, cujas direcções te poderemos indicar — dirige-te ao *Sodalício de S. Pedro Claver, Rua Palmira, 30-2.º (aos Anjos) Lisboa,* que é um Instituto religioso feminino que se destina a auxiliar as Missões Africanas.

O senhor Cardial Patriarca em Africa

Missa em pleno deserto

Catequizando um pretinho

NOTÍCIAS DA M.P.F.

1.º DE DEZEMBRO

Violeta de oiro

Que o dia 1.º de Dezembro de 1944, mais um círio de gratidão portuguesa a arder no Altar da Pátria ressurgida e forte, tenha marcado em nós mais uma etape da jornada sublime que nos propusemos fazer!

A M. P. F. curva-se em extase ante a memória cada vez mais viva daquêles homens que, num arrebatamento de heroísmo e *subindo* até querer tocar as raias da santidade, restituíram à Pátria perdida a dignidade e a honra; e à noite, na festa solene realizada no Liceu de Maria Amália Vaz de Carvalho, vibrou de entusiasmos ao entoar o Hino que imortalizou uma data e uma geração.

E, quási sem dar por isso, cheguei ao ponto que queria acentuar nesta notícia para o nosso Boletim:

A nossa festa, a festa das nossas aspirações e dos nossos ideais!

O salão estava ornamentado com estrêlas e laços feitos de flores, símbolos que compõem as insígnias das Graduadas, missionárias de Deus a *orientarem* Portugal e a enlaçarem num braço de amor e renúncia tôda a Humanidade que sofre e que chora.

A elas, às nossas Graduadas, cruzeiros espalhados pela terra de Santa Maria, foi dedicada a primeira parte daquela sessão solene.

Após algumas palavras da Ex.ma Comissária Nacional, em que mais uma vez marcou a situação exacta da mulher na sociedade portuguesa, começou a imposição simbólica das insígnias aos Cursos de 1943-44. A insígnia foi colocada no braço duma graduada de cada Graduação que subiu ao palco, enquanto eram lidos em voz alta os nomes das suas Companheiras. Fechou esta 1.ª parte do programa com o Hino da Mocidade Lusitana, cantado por um grupo de graduadas sob a direcção da Ex.ma Sr.ª D. Olga Violante.

Na 2.ª parte foram distribuídos os prémios dos Jogos Florais realizados em 1943-44. A M. P. F. mostrou a Portugal inteiro que não enterrou os *talentos* que o Senhor lhe dispensou, pelo contrário quere erguer cada vez mais alto o nível intelectual português.

Subiram ao palco as autoras das obras premiadas onde receberam das mãos do Ex.mo Júri prémios merecidos e a expressão da nossa admiração, fraternalmente manifestada numa salva de palmas.

Foram lidas tôdas as obras poéticas e o conto "Doente" premiado com a violeta de ouro.

Após um pequeno intervalo, durante o qual se cruzaram palavras alegres entre raparigas que há muito se não viam, começou a 3.ª parte.

Desta vez sentiu-se no público uma excitação grande: é que iam ser representados 2 dos trabalhos vencedores.

É a "Canção do Moinho", conto da Filiada N.º 211, Hortense Viegas César, do Centro 65, Ala 2-Estremadura, que foi presente a todos os olhares.

Enquanto Ermelinda Rivotti vai lendo o texto, vão-se desenrolando no palco os vários quadros vivos e nos bastidores faz-se ouvir por algumas vezes o grupo coral que dava à cena uma maior harmonia e realidade.

Seguiu-se a peça teatral "Nem 8... nem 80" da Filiada e interpretada por filiadas do Centro n.º 3.

O grupo coral das graduadas ainda se fez ouvir no hino do Império Português, na marcha "A mulher portuguesa" e no hino da M. P. com que terminou a festa que eu juro, vós nunca mais esquecereis.

Olhai bem, minhas amigas, lembrai-vos que nós ressurgimos, com a Pátria em 1640, tôda a vez que pelo coração e pela inteligência sacudimos de nós com energia tudo o que é vão e banal.

Cruzeiro do Sul

"A CANÇÃO DO MOINHO"

"CONTO"

Jogos Florais — Prémio em Mérito absoluto (Rosa Natural e 500$00)

«Trabalha e terás» — Na frescura da noite, a descansar da labuta de todo o santo dia — o sol escaldara, louvado seja Deus — o tio Zé do moinho cismava nesta frase tão verdadeira que o senhor Prior lhe dissera em certo dia de desalento...

Ele era novo então, não tinha ainda acertado com o caminho... sentia pouca firmeza no andar e os olhos procuravam, num crescendo de inquietação, a paìsagem que os prenderia para sempre... Era domingo — lembrava-se bem — um domingo encharcado de sol — e à saída da missa êle encontrara o senhor Prior. Abrira-lhe a sua alma de moço insatisfeito, contara-lhe da fôrça que sentia a palpitar nas veias... e o Padre nem o deixara continuar... E apontara para um monte distante, quási a espumar-se para lá de todos os longes...

— Olha ali, Zé, vês o moinho que te deixou teu pai? Está parado por falta de braços... E os teus estão aí e anseiam trabalho... Olha que o moinho tem uma história: a história de muitas gerações, de muitos cansaços e muitas ilusões...

«Trabalha e terás»

Há tantos anos fôra isto já... Mas ficara-lhe gravado na alma: tão verdade, tudo tão verdade! Ainda não era velho, nunca fôra avarento e no entanto luziam-lhe já na gaveta algumas moedas em promêssas de risonha vèlhice... Sentia ainda o mesmo sangue a borbulhar nas veias, quente e forte, como que rejuvenescido em cada dia de sol e de trabalho. Os sacos pesavam cheinhos de grão ou de farinha, mas o tio Zé sustentava, era idéia sua de há

muito, que eram as bagas do seu suor que traziam assim tudo tão alvo, desde a cal do moínho, à brancura da farinha que êle vendia para o pão...

— Se Deus desse ao Chico o mesmo pensar...

Mas o rapaz inquietava-o: arranjara uns modos estranhos, perdera o gôsto pelo trabalho, e ficava-se horas inteiras absôrto a pensar... fôsse lá saber-se em quê!... E à noitinha, quando o pai vinha sentar-se à fresca a falar de colheitas e de histórias de moleiros, o rapaz virava-se para o lado de lá, frente ao rio que serpenteava lá por baixo. E murmurava: Ó pai! — o rio hoje parece de prata...

O pai agastava-se: — Era melhor que olhasses para o nosso grão porque sempre é oiro, rapaz!

Uma cena de «A Canção do Moinho»

Parece que o Chico nem o ouvia! E murmurava sempre: se eu tivesse umas velas, fazia-me ao mar! Se eu tivesse umas velas... umas velas...

O Pai encolhia os ombros: manias de rapaz! Bem se lembrava êle — há vinte anos — também tivera daquilo: e o senhor Prior, muito vèlhinho, banhado de sol, como uma bênção: «Trabalha e terás»...

O moínho na sua faina, gira que gira, cantava e o moleiro cantava também; mas moínho e moleiro, tudo era uma só voz numa canção linda de amor ao trabalho:

Dá-me o vento agora
E giro apressado
Vou moendo sempre
Deus seja louvado!
As velas são braços
Branquinhos de neve
E com tantos braços
O trabalho é leve!...

A canção do moínho! Era esta toada que o Zé tinha de ouvido: rezava-a no ardor da luta, murmurava-a baixinho em noites de lua cheia e tinha até a impressão que de noite a entoava em sonhos que o faziam sorrir! Esta toada — toada eterna... — havia de ensiná-la ao Chico.

Mas o Chico, prêso a um rumo diferente, tinha sêde de mar. Queria partir! Gritavam-lhe na alma canções de marinheiros e um dia, de olhos brilhantes, afogados por uma luz que encandeava — se eu tivesse umas velas... — pediu ao pai as velas do moínho! E o pobre moleiro pela primeira vez na sua vida teve de escolher entre os seus dois mundos maiores: o moínho e o filho!

...O moínho parou: e sôbre o mar surgiram duas velas... O Zé do moínho, agora de moínho parado, passou a dividir o seu tempo entre o monte e a beira do rio. Já que o seu suor perdera o préstimo de tudo branquear, fôssem as suas lágrimas tornar o mar mais salgado... Chorou muito...

Os anos rolaram! Já a cabeça do moleiro rivalizava em alvura com a cal do moínho, quando o milagre se deu. Era um domingo de sol — «Trabalha e terás» — e o Chico chegou! Trazia nos olhos paìsagens de outras terras e na pele ardências de outros sóis. E murmurava ao abraçar o pai: o mar é lindo, lindo e eu sou marinheiro. Era o prólogo duma história simples: — O barquito em que parti, perdeu-se para sempre... não resistiu às ondas do alto mar... Recolheu-me um barco grande, o barco a que pertenço agora; mas as velas, meu pai, nunca as larguei; andaram juntas ao meu coração e trago-lhas de novo. Se as puser no moínho — eu sei que as torna a pôr — hão-de falar de terras de outros mundos onde tudo é diferente! Hão-de dizer-lhe as angústias do mar, hão-de contar-lhe os segrêdos das ondas, e hão-de falar da história das conquistas... Ponha as velas ao vento, ó pai, o vento é forte e em breve eu vou partir.

E as velas voltaram ao moínho: quantas terras maravilhosas lhe haviam surgido em sua rota! Quantas canções de marinheiros e sereias elas sabiam já!

Mas fiéis, velas branquinhas dum moínho eterno, só ritmadas ao som dessa eterna canção, elas sabiam ser felizes.

E o moleiro deslumbrado ouviu a canção que jàmais esqueceria:

Dá-me o vento agora
E giro apressado
Vou moendo sempre
Deus seja louvado!
As velas são braços
Branquinhos de neve
E com tantos braços
O trabalho é leve!...

Abraçado ao filho, o moleiro compreendeu que o mar e a terra — caminhos diferentes — são campos imensos à espera de braços!

Agora percebia tôda a extensão daquela frase linda — fôra há tantos anos... num domingo de sol...: — «Trabalha e terás».

FIM

Hortense Viegas César — Filiada n.º 211
Centro n.º 65 — Ala 2 — Estremadura

A MULHER NAS MISSÕES

DESDE o século XVI que a mulher começou a dedicar-se às missões. Nos séculos XVII e XVIII aumentou a sua actividade neste campo apostólico, com a fundação de alguns Institutos religiosos especialmente consagrados às missões; no século XIX, e nos nossos dias, essa actividade tomou ainda maiores proporções com a criação de novos Institutos missionários e o aparecimento das Congregações indígenas.

Em Portugal existem várias Congregações femininas que teem religiosas missionárias: S. José de Cluny, Missionárias de Maria, Franciscanas Hospitaleiras, Apresentação de Maria, Benedictinas, Doroteias, S. Vicente de Paulo, Maria Auxiliadora... e não sabemos se ainda mais algumas.

No estrangeiro existem muitas mais.

É que a colaboração da mulher nas missões é indispensável; sem ela, os missionários não poderiam completar a sua acção evangelizadora.

Além dos serviços que prestam como catequistas, as religiosas missionárias ocupam-se duma série de obras de caridade importantíssimas.

São elas que recolhem as criancinhas tão abandonadas e sacrificadas nos países menos civilizados; que ensinam a ler aos ignorantes; que preparam as raparigas para a vida doméstica, ensinando-lhes serviços caseiros, costura, etc; que formam as futuras mães e as ajudam, depois, a cumprir os seus deveres maternais; que tratam os doentes nos dispensários; que visitam os impossibilitados nas cabanas; que assistem aos moribundos.

Mãe, educadora, enfermeira, auxiliar dos sacerdotes, a religiosa missionária é a Providência de Deus tornada visível.

A sua tarefa é enorme e exige uma dedicação admirável e heroica, que as torna dignas de tôda a nossa admiração e respeito.

TRABALHOS DE MÃOS PONTO DE CRUZ

HISTÓRIAS DA MINHA AVÓ (Continuação da página 7)

Chegou o tempo de irem de novo para Dolores onde estiveram uns meses e depois foram para a estância. A pequenita entusiasmada descrevia a Fidélia o encanto da vida livre na estância, os passeios ao campo, os ninhos de passarinhos que se apanhavam, mas Fidélia não se mostrava nada atraida por êsses bucólicos passatempos.

Instalada na estância não se mostrou contrariada e tôdas se admiraram como se adaptara tão depressa à vida rústica e patriarcal que na solidão fazia a familia.

Em breve aprendeu a fazer sabão e velas para o uso da casa e o que lhe saia das mãos era perfeito.

Quando minha avó lhe falava em passeios ao campo mostrava um mêdo horrivel à bicharada, o que fazia rir tôda a familia e principalmente os dois irmãos de minha avó, que passavam quási tôda a sua vida na estância ocupando-se da sua administração.

A pouco e pouco, com os seus medos, conseguiu assustar a pequena que já não gostava tanto dos seus passeios pelo campo com a garotada que lhe apanhava ovos nos ninhos e flores. Quando seus irmãos a punham à sua frente a cavalo, naquelas correrias que tanto prazer lhe davam antes, Fidélia dava gritos que enervavam a menina e a assustavam. A certa altura começou a dizer que via coisas nas vidraças das janelas, à noite, espreitando para dentro.

Havia na estância várias galinhas com ninhadas de patos, perús e pintos; dum momento para o outro começaram a aparecer mortos como a outra criação. Fidélia dizia que era coisa má que andava ali.

As senhoras riam-se, mas quando uma noite estavam a fazer serão, Fidélia entrou aos gritos, porque momentos antes se ouviam pedradas no telhado e ela afirmava que tinha visto os tijolos que estavam para uma obra saltar sós para o telhado. As senhoras chamaram os criados e tratadores de gado que passaram uma revista à estância. Os irmãos da minha avó não estavam, tinham ido de visita a uma estância visinha que estava a trinta quilómetros.

O alvorôço foi enorme. Fidélia teve um ataque de nervos quando um dos «gaúchos» entrou dizendo que no telhado não estava ninguém mas havia tijolos.

Dias depois, nova ausência dos rapazes, nova cena de pedradas. A epidemia nos animais aumentava. A avó de minha avó mandou guardar os animais que morriam e abrindo-lhes o papo verificou que tinham agulhas partidas cravadas na moela.

Com a experiência da vida que os anos dão (essa senhora já tinha os seus setenta e muitos anos, e foi tão longa a sua vida que morreu com cento e sete anos) desconfiou de Fidélia e seguiu-a sem que a meiga e dôce mulata o percebesse.

Uma noite que ela saiu da sala foi atraz dela e escondeu-se no pátio central da casa e viu-a apanhar os tijolos, atirá-los para o telhado e entrar gritando em casa. Agarrou-a por um braço e conseguiu que ela confessasse ser a autora de todos os males que se tinham passado na casa.

Era ela quem partia os objectos de valor. No dia da procissão, tinha levado uma tesoura e tinha sido ela quem cortara os manteletes. Era ela quem tinha dado as agulhas aos animais, tudo apenas porque não tolerava as patrôas, não lhe perdoando o serem senhoras e ela criada.

As senhoras tiveram um grande desgôsto ao ver a maldade da rapariguinha tão nova. Minha avó, como criança, não acreditava no mal e chorava por Fidélia, a sua criadinha gentil. A avó de minha avó resolveu partir para Dolores e levá-la às Irmãs dum convento de regeneração, que a receberam e conseguiram modificá-la.

A pequenina, que a estimava, ao compreender o que era a vida, tomou a maior desconfiança pelas pessoas demasiadamente doces e tôda a sua vida, quando as encontrava, dizia:

— E' simpática mas lembra-me a Fidélia.

E o que é interessante é que a Fidélia se tornou um simbolo de dissimulação e velhacaria. Passados tantos anos, quando já avòzinha contava aos netos estas histórias, dizia sempre:

— Que pena! Era uma rapariga tão agradável. Mas creiam, meus filhos, que nada há mais triste que a velhacaria e o mal que se esconde com sorriso e meiguices.

Maria d'Eça

(Continua)

PARA LER AO SERÃO

POR

MARIA PAULA DE AZEVEDO

Desenhos de GUIDA OTOLLINI

CHÁ DA COSTURA

— Então, Clara, pensaste na nossa futura Obra? — preguntou Joana, excitada.

— Fizeste cálculos, estudos, observações? — interrogou Alice, curiosa.

— Como é que vamos começar a trabalhar? — acrescentou Maria José com interêsse.

Clara, enquanto talhava camisinhas, respondeu:

— Tenho os orçamentos todos feitos; e baseados em factos: não em teorias.

— Quanto dinheiro é preciso para uma centena de crianças? — tornou Joana, levantando-se como se já soubesse *aonde* ir buscar o dinheiro.

— Senta-te, Jana, e pega no teu trabalho. Enquanto trabalharmos, podemos fazer planos e conversar sôbre o assunto — respondeu Clara.

E sob a influência inteligente e calma de Clara tôdas se puseram a trabalhar com verdadeiro afã. Clara recomeçou:

— Se quisermos esperar que se obtenha uma casa apropriada a uma creche, nova, bonita, moderna...

— E' evidente que devemos fazer isso — cortou Joana, categórica.

...então — continuou Clara — não podemos encetar a obra nestes anos mais chegados. Mas se quisermos tratar de acudir *imediatamente* à miséria das criancinhas, muito poderíamos fazer: e eu bem gostaria que tal fizessemos.

— Tens tôda a razão, Clara — disse Maria José.

— Acontece que há quem nos ceda uma casa velhota, térrea, com dois outros quartos grandes, uma cozinha e um pátio: porque não aproveitar já essa cedência?

— E os móveis? As roupas? As coisas tôdas?

Clara sorriu.

— Tenho tudo isso e muito mais, sem nada gastar. Da tal crèche que acabou, dão-nos móveis, loiças, roupas, bibes, tudo!

— Oh Clara, será possível?

— Mas com uma condição: abrir já uma crèchesita de cinqüenta crianças.

— E onde é a tal espelunca? — preguntou Joana.

— Espelunca! — gritou Clara, franzindo o nariz, indignada.

— Se tiver ar, luz, e sol, já serve muito bem — disse Alice.

— Se arranjarmos *cinqüenta contos por ano*, podemos tratar disso quanto antes; é o bastante para manter cinqüenta crianças de 1 a 3 anos — continuou Clara.

Foi um desapontamento geral: onde e como arranjar cinquenta contos por ano?

— Com três ou quatro festas, rifas... — lembrou Joana.

— Que todos os anos arranjemos uma ou duas festas — continuou Clara — não vejo nisso inconveniente; mas não basear nelas a manutenção da Obra. E' preciso, antes de outros rendimentos eventuais e incertos, que haja o *fundo* garantido para manter a Crèche.

— Mas...

— Êsse fundo *certo* só pode ter duas origens: a dos paroquianos, com subsidios voluntários conforme os seus meios próprios, e a das entidades oficiais, sejam quais forem.

— Mas ouve, Clara... — interveio a impetuosa Joana.

— Deixa-a falar, Jana! — disse Maria José.

Clara continuou:

— Com os paroquianos podemos contar: já indaguei. Dividem-se os subsidios em 5 categorias, tôdas de pagamento *anual* ou semestral. Subsidio de 1 conto, de 500 escudos, de 100, de 50 e de 20.

— Que bem planeado! — exclamou Alice.

— Resta o problema máximo — tornou Clara — é ter o interêsse... e os subsidios, da Assistência, da Junta, da Misericórdia, do Govêrno Civil. Comover os homens que dirigem essas secções é mais difícil do que...

— Levantar o mundo! — gritou Joana.

— Todos, no fundo, têm a mania das grandezas, das perfeições... E esquecem, infelizmente, que enquanto se espera o *Óptimo*, vai faltando o *Bom*...

— Deixa lá, Clara, lançaste a boa semente no espírito de nós tôdas: a Crèche *há-de* fazer-se! — concluiu Maria José, com optimismo.

MARIA RITA SOLTEIRA

VIII

Escrevo da Quinta da Lezíria, para onde vim com a Mademoiselle Sixte, convidadas pela prima Serafina.

A Mãe disse à prima que eu estava fraca e precisava de mudar de ares; de maneira que ela, coitada, rodeia-me de mil cuidados e faz-me tomar gemadas à antiga portuguesa!

— Vocês, agora, gostam de ter umas figuras de paus de virar tripas — afirmou ela ontem, com uma expressão enjoada — e mal se distinguem, hoje em dia, as mulheres dos homens!

A Mademoiselle veiu logo confirmar:

— Oh si, si, Madame ter tante rázon! Tôdas ménines qu'rrer perdre górdure e ser mágrrine, mágrrine...

(Querida Sixtesinha! nunca serás capaz de falar a nossa lingua decentemente).

A prima Serafina, animada com a aprovação da Mademoiselle, continuou:

— Uma rapariga quer-se gorda, còrada, sem o tal zarcão com que sujam a cara a todo o momento...

— Zarcão! — exclamei eu, indignada

— Dá-lhe os nomes «franciús» que quiseres; é uma porcaria e mais nada.

— Oh prima, na vida moderna...

— Qual vida moderna — cortou a prima — Em todos os tempos, a pele duma rapariga se quer fresca, sã, limpinha à luz do dia: sem se cobrir de drogas. Mas vamos ao que importa. Quem vai resolver a tua paparoca sou eu. Flocos de aveia, gemadas, caldos concentrados...

— Pelo amor de Deus, prima! Eu não QUERO engordar! — exclamei eu, aterrada com aqueles projectos de sobre-alimentação.

— Depois do almôço, cama! — continuou a prima.

— Eu uunca durmo de dia, e...

— Bico! — declarou a boa senhora; e... tive de me sujeitar ao novo regimen de engorda!! O que é certo é que, com mil carinhos das duas senhoras, boas cartas da adorada Mãe, outras (engraçadíssimas!) dos manos, ali passei quási dois meses.

A região ribatejana é cheia de carácter e interêsse! Aqueles campos, vastos e férteis, animados, ao longe, pelas figuras dos campinos e as manadas de touros, teem um encanto muito especial. E a paisagem é calmante...

Depois, a Mademoiselle tinha-me trazido uma quantidade de óptimos livros, que me deliciaram nas horas de repouso ao ar livre (debaixo de um sobreiro secular). Eram as «Brigittes», livros interessantíssimos de Berthe Bernage (que a Mademoiselle conhece pessoal-

mente!); e êsses livros são tão «humanos», tão cheios de actualidade que, por vezes, me sinto encarnada, por assim dizer, na própria Brigitte! Li, também, o admirável livro de Elaine Sanceau (uma autora inglêsa que se dedica com entusiasmo a assuntos da História portuguesa) sôbre o Infante D. Henrique. Como o nosso espírito lucra no convívio com figuras dessas!

Se não fôssem as saüdades dos Pais, dos manos, da casa, (e até da minha ama), eu ficava outro mês na Lezíria. E a boa prima Serafina, apesar das suas rabujices, nada me aborrece. Ao serão é que ela gosta de conversar; e faz milhentas preguntas, às vezes bem indiscretas...

— Olha lá, menina, eu ouvi uns certos zun-zuns a respeito do tal António, filho da Lúcia. Então êsse preto fez-te a côrte?

— Preto! — gritei eu.

— Ah, não é preto? Julguei. Mas, preto ou branco, fez-te a côrte ou não? Isso é que eu quero saber.

— Nunca me fez côrte nenhuma — respondi, excitada e còrada.

— E o tal menino Brito? Joaquim Luís, ou José Francisco (com essa mania dos dois nomes, faço sempre confusão). Naturalmente êsse é dos patêtas que andam por Lisboa à caça de casamentos ricos.

— O José João é muito novo ainda...

— E tu pensas em casar com um fedelho dêsses?

— Não, prima! Antes queria ficar solteira!

— E fazias muito bem. Mas hás-de casar: e eu própria tenho em vista um noivo de primeira categoria para ti, fica sabendo. Homem de respeito...

Dei um grito de horror: um noivo escolhido, a dedo, pela prima Serafina!

— Temos tempo para pensar nisso — concluiu a prima.

E, com mais três quilos no meu corpo, entrei na querida, velha, casa da Estrêla. Os manos, incluindo o Gonçalo e a Juca, formavam alas na escada; e os Pais, de braço dado, estavam no patamar.

Apenas eu apareci, romperam todos a cantar a Maria da Fonte, acompanhados pela imitação de trombone que é a especialidade do Nuno! Eu ri tanto, tanto, que fiquei com uma dôr no pescoço; e as lágrimas de riso corriam-me pela cara abaixo!!

No meu quarto, todo cheio de flores, estavam lembranças do Pai, da Mãe, da Luizinha... Desta vez tinha lágrimas de enternecimento: eram diferentes das do riso!

E à noite, quando rezei, senti subir do meu coração agradecido um hino de gratidão para Nosso Senhor, por me ter dado a maior, a mais preciosa riqueza que no mundo pode haver para uma rapariga solteira: o amor dos pais e dos irmãos!

IX

Como o tempo passa... Já estou em pleno estágio numa das Creches de Lisboa: modesta, só de 50 crianças, mas lindamente organizada e dirigida por Irmãs de S. Vicente de Paulo.

Três vezes por semana tenho o meu serviço de manhã: quatro bébés a quem dar o banho, os biberons, etc., de quem tomo, enfim, a responsabilidade. E, embora êles sejam feiosinhos, com as suas carinhas de «castanhas piladas» (pela miséria que têm passado) e a expressão dolorosa de velhice precoce, já os adoro, coitadinhos!

Mas tomara que chegue a outra fase do meu estágio: a da Escola Maternal, com a alegre pequenada de três, quatro, cinco e seis anos!

Certo é que tenho agora a vida cheia como um ôvo, como diz a Luli! Lições de História e Literatura francesa com a Mademoiselle; de Ciências Naturais com o Pai; e várias ocupações na secção das Juventudes Católicas, pois sou... Presidente da «Joc», nada menos!

Os sábados e os domingos são reservados para passeios, golf, cinema, e outras «diversões» (para não dizer a verdadeira palavra, que é: Pândegas!).

Há que tempos que nada digo do José João, e a razão é simples: foi para Coimbra de todo, viver com um tio. A Lixa ficou em Lisboa, entregue a umas freiras e vem cá imensas vezes. Infelizmente, fala-me do irmão a todo o momento; e farta-se de me dizer coisas embirrentas... Não há direito!

— Êle adorava-te, Mirri, mas tu só querias «flirtar»... — disse-me ela, ontem.

— Flirtar, eu? E coisa para que nunca tive geito, Lixa!

— Deixa-te de coisas, minha menina; és um az, simplesmente.

— Não me faças zangar a valer, Lixa! Pois se eu não gostava do José João...

— Gostavas, a princípio gostavas, e muito! Mas... quando chegou o tal primo d'África, que bem podia ter lá ficado...

Eu respondi, fula e excitada:

— Os sentimentos não se forçam, pronto! Nada mais dissemos, mas ficámos zangadas uma com a outra.

O António janta cá muitas vezes; mas já não tem comigo aquelas conversas que tanto me interessavam... (embora nada tivessem de amoroso)

Quando encontra cá a Luli, o que sucede muitas vezes, então anima-se a valer! Parece-me bem que êles gostam um do outro... Tenho mesmo quási a certeza disso. A Luli fica tão feliz quando êle aparece!

Ouvi falar na próxima partida dêle para a África; mas não me atrevi a preguntar nada. A Luizinha foi menos discreta. E preguntou, à mesa:

— Oh primo António, quando é que se vai embora?

— Tens assim tanto desejo de me ver pelas costas? — respondeu êle a rir.

— Quem me dera que cá ficasse tôda a vida! — exclamou o Nuno.

— Impossível fazer-te a vontade — tornou o António — E antes de um mês espero estar no alto mar!

(Pareceu-me que, ao dizer isto, olhou para mim; e senti-me corar, corar...)

O que me admira é ver o António fechar-se com o Pai no escritório imensas vezes, e terem conversas intermináveis os dois! A Mãi também às vezes toma parte nessas conversas; mas nenhum de nós sabe do que se trata! Os próprios manos dão sorte com isto; e o Xana observou já:

— Rapazes querem-se com rapazes; mas o António não nos liga nenhuma!

— Acho-te razão, Xana — disse o Manuel, despeitado.

E eu, vagamente inquieta, observei:

— Talvez sejam negócios de África.

Mas a Luizinha, espevitada, cortou logo:

— Histórias! Se se tratasse de negócios a Mãi não saía do escritório com aquela cara de riso! Olhem para a Mãi, meninos! — e, de facto, abrira-se a porta do escritório e de lá vinha a Mãe, tôda risonha. Que mistérios!

O que é certo é que chegou o dia em que o António veio despedir-se de nós; partia na manhã seguinte. Que homem frio, sêco... ingratíssimo! Nem comovido parecia! Eu, que sei quanto a Luli gosta dêle, sentia-me revoltada...

— Não lhe custa deixar Lisboa? — preguntei, baixinho, pensando no desgôsto da Luli, e com um nó na garganta.

— Vou bem satisfeito, Maria Rita! — respondeu-me, num tom grave e alegre ao mesmo tempo! — Como se compreende isto? Logo direi à Luli que esqueça semelhante homem, que no lugar do coração... tem um pedregulho.

A minha ama, à noite, foi ter comigo ao quarto como faz muitas vezes.

E, em grande mistério, beijou-me no pescoço e disse:

— Minha rica menina, lá se vai o primo para as Áfricas. Nosso Senhor o conserve por lá muito tempo!

— Que idéia é essa, ama?! — exclamei eu.

— Idéia? — tornou ela — Não que a gente na cozinha nan tem olhos prá ver nem ouvidos pra ouvir...

A minha curiosidade era enorme, mas fui-me despindo sem ligar importância ao assunto.

— Não tardará que êle volte e é capaz de levar de cá o rico anjo da minh'alma! Levar-mo prá terra dos pretos! — e com esta explosão a Matilde agarrou o «rico anjo da sua alma» como se nunca mais o quizesse largar...

(Continua)

JOGOS FLORAIS

AO PARTIR

MENÇÃO HONROSA

Maria:
Eu vou partir.
A estrêla d'alva
treme no azul;
parece querer dormir
e dir-se-ia que o céu
é o seu vestido taful.
— Ouve, Maria, eu vou p'ra longe
lutar por nós;
e vêm as andorinhas
a construir as casinhas
nos beirais dos meus avós.
Abrem as rosas no muro,
reveste-se a tua casa
do seu manto côr de amor.
— Maria, por Deus te juro,
eu farei que a nossa vida
seja uma roseira em flôr.
Os pinheiros verde-negros murmuram longe;
e à porta da sua cela —
— da nossa velha capela —
— abençôa-nos o Monge.
Santo Antônio, no seu nicho,
sorri ao ver-me partir.
Quando eu voltar
há-de ser no seu altar,
pequenino,
que um sorriso do Menino
nos há-de vir a casar.
— E' alva a espuma do mar,
e fica sempre por sôbre a dôr;
e a dôr assim revestida
é môça que vai noivar;
o meu amor é tão puro
como a espuma alva do mar,
e será bem alvo o muro
da nossa casa,
sob as rosas de toucar.
— No nosso lindo jardim
porás lírios, açucenas, madressilvas e um jasmim;
e hás-de plantar também cravos vermelhos, côr
[da paixão —
— São chagas a recordar o martírio do Senhor,
e o nosso coração
ao fitá-los e ameigá-los
terá fôrças para vencer a provação.
— Maria, será belo o provir,
no nosso lar;
teremos uma capela
com um Menino de olhar doce
— a sorrir;
e teremos junto dela,
sempre uma lâmpada a fulgir.
— Os nossos filhos —
— bolinhas de oiro e neve
em mar de luz —
com seu passinho leve,
correrão às Trindades,
a pôr as mãos a Jesus.
E também eu hei-de vir
à hora linda do entardecer
e os dois juntos rezaremos
pelas alminhas que sofrem,
pela paz, pelo porvir
pelo pão p'rós nossos filhos e p'ara os pobres
[de pedir.
E daremos sempre esmola,
e vestiremos os nús,
e encheremos a sacola
dos mendigos, como manda o bom Jesus.
— Tu cantarás à noitinha as baladas de encantar
e os meninos, a sorrir,
deixar-se-ão embalar
e assim irão a dormir.
E ao abrir da Primavera,
no nosso beiral caiado,
eu quisera
ver um par enamorado,
a construir, como agora,
o seu ninho todo amor.
— Maria, eu vou-me embora
Adeus, já nasce o sol;
cantam nos ninhos os passarinhos,
desde o primeiro arrebol,
sua oração da manhã.
— E lá do céu o Senhor
abençôa o nosso amor.
— Maria, eu te prometo que ao voltar
lá na Senhora da Estrêla,
te hei-de comprar uma pedra
mais brilhante que o olhar dela — (1)
Mas, Maria, não esqueças
as promessas
que fizeste ao teu

Manel

Candida Brandão Estrela
Liceu de Carolina Micaelis — Porto

(1) um anel.